

A MÚSICA BRASILEIRA EM CONEXÕES INTERNACIONAIS: ENTREVISTA COM MICHAEL UHDE

Ingrid Barancoski

Resumo: O professor, pianista e pesquisador Michael Uhde, da Universidade de Música de Karlsruhe (Alemanha), fala em entrevista de como surgiu e se desenvolveu seu fascínio e interesse pela música brasileira de concerto, e também de suas atividades artísticas e de pesquisa no campo da nossa música de câmara. Uhde comenta sobre este trabalho que é fruto de uma trajetória de cerca de 25 anos envolvendo pesquisa de campo em bibliotecas, arquivos, contatos com intérpretes, compositores, personalidades e instituições brasileiras. Relata também sobre desdobramentos e produtos desta pesquisa e seus planos para a continuação do projeto.

Palavras-chave: Música brasileira. Música de câmara. Catalogação de partituras musicais.

Título em inglês: Brazilian music in international connections: interview with Michael Uhde

Abstract: Professor, pianist and researcher Michael Uhde, from Karlsruhe University of Music (Germany), speaks in an interview about his fascination and interest in Brazilian concert music, and also about his performing and research activities in the field of our chamber music. Prof. Uhde comments on this project which is the result of about 25 years of work, involving field research in libraries, archives, contacts with interpreters, composers, personalities and Brazilian institutions. He also reports on developments and products of this research and his plans for the continuation of this project.

Keywords: Brazilian music. Chamber music. Music score cataloguing.

Michael Uhde é professor catedrático de piano da Universidade de Música de Karlsruhe, onde ocupou também o cargo de vice-reitor. Iniciou seus estudos musicais com seu pai, o musicólogo, professor e pianista Jürgen Uhde. Estudou também com Carl Seemann, na Universidade de Freiburg (Alemanha) e com Bruno Canino, em Milão (Itália). Como solista realizou concertos por toda a Europa, Estados Unidos e Brasil. Como camerista apresentou-se com os mais variados conjuntos europeus, entre eles *Schumann-Duo* com o violinista Antonio Pellegrini, com o grupo *Schumann-Ensemble*, e na música contemporânea com o *Ensemble 13 Baden-Baden* e com o *Ensemble Recherche* de Freiburg. Ministra regularmente cursos de interpretação em vários conservatórios e universidades em cidades como Aarhus, Esbjerg (Dinamarca), Tromsø (Noruega), Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo, Curitiba e Goiânia. É membro correspondente internacional da Academia Brasileira de Música.

Conheci o Prof. Michael Uhde, da Universidade de Música de Karlsruhe, nas master classes de piano do Festival Brasil-Alemanha, evento que acontece anualmente desde 2008 na UNIRIO, onde leciono¹. No primeiro contato com o professor alemão, a surpresa de todos costuma ser sua fluência na língua portuguesa. Mas ano a ano fui

¹ O Festival Brasil-Alemanha é realizado desde 2008 no Rio de Janeiro, numa parceria com o DAAD (*Deutscher Akademischer Austauschdienst*), órgão de intercâmbio acadêmico do governo alemão. Foi criado pelos professores Luis Carlos Justi (UNIRIO) e Fany Solter (Universidade de Música de Karlsruhe). Neste evento, anualmente professores da Universidade de Música de Karlsruhe (Alemanha) ministram máster classes de diversos instrumentos e também de canto. Tenho coordenado o núcleo de piano do festival, que recebe anualmente vários professores de piano como Fany Solter, Markus Stange, Roberto Domingos, além de Michael Uhde. Os cursos são gratuitos, e tem atendido a alunos das universidades do Rio de Janeiro e também alunos vindos de outros estados. Nos primeiros anos o festival aconteceu na UNIRIO, e logo o convênio incorporou também a Escola de Música da UFRJ. Um evento semelhante também acontece na Universidade do Rio Grande do Norte, em Natal.

conhecendo melhor o trabalho do Prof. Uhde, e tendo outras gratas surpresas, principalmente relacionadas às suas pesquisas junto à música brasileira. Isto envolve uma incansável coleta de obras do repertório de câmara em praticamente todas as regiões do país, o que já acontece desde a década de 90. Este trabalho resulta até o momento numa listagem de cerca de 1200 obras e num acervo de mais de 200 partituras, o que, integrado às atividades profissionais de Michael Uhde como musicista, professor, pesquisador e administrador, vem contribuindo sobremaneira para a divulgação e valorização da música brasileira. Durante o Festival Brasil-Alemanha de 2016, aproveitamos para registrar formalmente nossas enriquecedoras conversas numa entrevista, que foi ampliada e revista nos festivais de 2017 e 2018. É a visão da música brasileira e da estrutura de pesquisa do nosso país - bibliotecas, bancos de dados, guarda de acervos, catálogos -, do ponto de vista de um professor de uma respeitada Universidade da Alemanha, posicionando a música brasileira num panorama universal. O prof. Michael Uhde, tendo visitado o Brasil com frequência por mais de duas décadas, também dá um depoimento sobre a sua visão da nossa identidade cultural e da experiência de conviver com as personalidades do meio musical brasileiro.

IB: Prof. Michael Uhde, como começou seu contato com o Brasil?

MU: Minha primeira experiência no Brasil aconteceu em 1994, quando fui convidado pela minha amiga professora da UFMG e pianista Celina Szvinsk, de Belo Horizonte, para dar aulas no Festival de Música de Campos do Jordão. O evento era coordenado por Aylton Escobar, e foi para mim uma oportunidade de conhecer um dos principais compositores brasileiros logo nesta primeira visita. Isto e outras experiências positivas contribuíram para que eu ficasse bem impressionado com o Brasil. Era como se eu estivesse descobrindo um outro mundo, uma nova visão que complementava e ampliava o meu entendimento da vida. Talvez posso comparar com a minha primeira visita à Itália, quando pensei: puxa, a vida pode ser vista de uma maneira diferente que eu não conhecia antes. Era o contato com o outro lado da dualidade entre a orientação nórdica voltada para o intelecto, e a orientação sulista voltada para o sentimento e a intuição.

IB: E como se desenvolveu seu interesse pela música brasileira?

MU: Meu primeiro contato com a música brasileira em 1994 foi ainda superficial, mas o suficiente para despertar meu interesse. Nas máster classes do festival eu estava dando aulas proveitosas de música de câmara, trabalhando com os alunos obras instigantes

como o quinteto de Brahms com clarinete. No entanto eu tinha a sensação de que estava ensinando e ao mesmo tempo aprendendo, ou seja, recebendo tanto quanto eu estava passando. Esta troca era bastante forte e quando eu fui embora, depois de 10 ou 15 dias, saí decidido a voltar em breve para conhecer mais sobre o Brasil e sua música. Pude retornar somente dois anos mais tarde para uma tournée de concertos, quando fui ao Rio de Janeiro, São Paulo, Goiânia, Belo Horizonte e Curitiba. Nesta segunda oportunidade coletei vários materiais para levar comigo para a Alemanha, incluindo muitos CDs de música brasileira. Era o início de um longo processo. Eu já começava a fazer planos de voltar para visitar as bibliotecas e resgatar obras de compositores brasileiros não publicadas, e por isto não acessíveis nem para o público nem para o meio musical.

IB: O que lhe atrai na música brasileira?

MU: O samba é conhecido mundialmente, mas a combinação da mesma exuberância e carisma brasileiros com a linguagem da música erudita é fascinante, em diversos aspectos. A estrutura rítmica da música erudita brasileira sem dúvida cativa a todos, e composições de linguagem mais tradicional geralmente também tem um forte apelo melódico. Por outro lado, o conteúdo emocional na música brasileira é bem presente: numa mesma obra pode-se ter uma dança contagiante e uma melodia triste e melancólica, lado a lado. Eu percebo isto também no povo brasileiro, sentimentos extremos que vem à tona com sinceridade, e constantemente se alternam. Uma outra característica que também me agrada é que a música brasileira não é extremamente intelectualizada. Os compositores escrevem com o propósito de que suas obras sejam entendidas e que comuniquem com facilidade a mensagem pretendida. Como consequência, a música brasileira tem ótima aceitação, é de escuta acessível para o público em geral, mesmo fora do Brasil. Esta comunicabilidade aliada à atmosfera de brasilidade e à elaboração da música erudita, como por exemplo técnicas do contraponto e sutilezas harmônicas, produz excelentes resultados.

IB: Algum campo específico que te interessa da nossa música erudita?

MU: Sim, a música de câmara brasileira, que é também meu campo de trabalho como professor e como intérprete. Descobri que mesmo no Brasil este repertório é pouco conhecido, e completamente desconhecido do resto do mundo. Há eventualmente uma ou outra obra que pode ser encontrada em bibliotecas no exterior, geralmente dentre as que estão publicadas. Na internet se acha pouca coisa, porque a maioria das bibliotecas

brasileiras ainda não integra a rede internacional de bibliotecas. Isto faz com que seja difícil saber o que existe nos acervos brasileiros sem visitá-los pessoalmente. Assim, somente aqui no Brasil é possível encontrar as informações e materiais mais importantes, mas para quem se dispõe a fazer estas visitas de campo, o assunto se torna infundável.

IB: Você teve contato direto com compositores brasileiros?

MU: Sim, logo no início tive longas conversas com Aylton Escobar sobre música de câmara brasileira. Ele possui uma vasta cultura no assunto, e me deu excelentes ideias para minha pesquisa. Aylton me ajudou a delinear um primeiro plano de trabalho, como tarefas a fazer, materiais a coletar, lugares a visitar e pessoas a contatar. Depois eu fui gradativamente desenvolvendo minha própria estratégia de pesquisa. Fiz contato direto com muitos outros compositores e posso dizer que fiz verdadeiros amigos. Tive encontros especiais por exemplo com Edino Krieger, que hoje considero um grande amigo, e uma pessoa que admiro. E ele também, por sua vez, me mostrou outros caminhos importantes. Na casa da minha amiga Celina Szvinsk em Belo Horizonte conheci o compositor Almeida Prado, e ele me deu uma entrevista sobre música de câmara (ainda inédita, mas que pretendo publicar em breve). Várias vezes estive na casa de Gilberto Mendes, e de outros, por exemplo o maestro Alceo Bochino, que era não só um excelente pianista mas também um extraordinário compositor, e Marlos Nobre, com quem tive uma conversa valiosa sobre música de câmara. Conheci ainda familiares de compositores já falecidos, como Maria Josephina Mignone (viúva de Francisco Mignone) no Rio, e Vera Guarnieri (viúva de Camargo Guarnieri) em São Paulo.

IB: E quais são seus objetivos nesta pesquisa?

MU: Delínei meus objetivos a partir da premissa de que o conhecimento da música de câmara brasileira pode ser importante não só para o público estrangeiro, mas também para o próprio público brasileiro. Não se conhece a música de câmara brasileira que não seja a de Villa-Lobos, e surpreendentemente mesmo no Brasil, a música de câmara de outros compositores brasileiros é pouco conhecida. A música de Villa-Lobos sem dúvida é genial, mas há muito mais na música brasileira que também é de excelente qualidade. Quem quer conhecer a música de Villa pode fazê-lo em qualquer lugar do mundo, mas o acesso ao restante da música brasileira não é facilitado, o que faz com que esta imensa produção musical permaneça inexplorada. Eu gostaria de contribuir

para que esta situação mudasse, e que esta música fosse mais tocada, ouvida e pesquisada.

Sendo assim, meu objetivo maior é criar um catálogo das obras de câmara dos principais compositores brasileiros, onde os interessados possam não só buscar ideias de repertório, mas também encontrar informações de como encontrar as partituras.

Dentre os vários desdobramentos da pesquisa, gostaria de citar um levantamento de obras curtas para violoncelo e piano de compositores brasileiros. Eu descobri muitas peças que eu não conhecia, e até meus amigos brasileiros ficaram surpresos com o que eu achei. Algumas delas são *Tarantella* de Alberto Nepomuceno, *Lenda Sertaneja No.4* de Francisco Mignone e *Balada* de Mário Tavares. Pretendo publicar uma edição deste repertório em 2019.

IB: A performance do repertório também faz parte dos seus objetivos?

MU: Certamente. A ideia de pesquisar sobre música de câmara brasileira teve origem no meu trabalho em Karlsruhe com minhas classes de música de câmara. Por mais de seis anos organizei uma série anual de concertos com dois ou mais programas de repertório só de obras brasileiras, muitas delas não conhecidas nem mesmo no Brasil. Nestas ocasiões pudemos levar para a Alemanha vários músicos e compositores brasileiros, como Edino Krieger e Ronaldo Miranda. Foram eventos bastante interessantes. Quando Edino Krieger nos visitou, tivemos três concertos com obras suas e foi uma oportunidade maravilhosa para nossos alunos de Karlsruhe terem contato com um compositor do porte de Edino - uma das principais personalidades do cenário musical brasileiro, e além disto, um ser humano admirável. Tivemos a visita de outros nomes importantes, como João Guilherme Ripper. Foram também três concertos de obras dele e outros compositores brasileiros, cada um dos programas um conjunto rico e versátil de linguagens musicais.

Dentre tantas outras enriquecedoras experiências, eu gostaria de mencionar concertos de câmara onde atuei como intérprete ao lado de excelentes músicos brasileiros. Tive o privilégio de tocar com o extraordinário violoncelista Antonio Menezes em várias cidades brasileiras. Outros músicos brasileiros com quem dividi o palco de concerto foram o violinista Daniel Guedes e o violoncelista Fábio Presgrave de Natal. Com Fábio venho desenvolvendo uma longa parceria musical. Além de tocarmos juntos, toda vez que nos encontramos trocamos partituras, ele me apresenta a alguma obra ou compositor brasileiro que eu desconheça, e eu procuro trazer para ele alguma obra que

ele também não conheça. Em Natal há uma boa biblioteca de música, mas mesmo assim é difícil encontrar algumas partituras por lá.

IB: Há desdobramentos da sua pesquisa envolvendo instituições brasileiras?

MU: Sim, várias universidades brasileiras. Temos uma longa e frutífera parceria de dezoito anos da Universidade de Música de Karlsruhe com duas universidades no Rio de Janeiro, UFRJ e UNIRIO, e também um convênio com a Universidade do Rio Grande do Norte em Natal desde 2010, onde Fábio Presgrave leciona. Através destes convênios oferecemos anualmente cursos em Natal e no Rio de Janeiro com máster classes de diversos instrumentos ministradas por professores de Karlsruhe, além de concertos com professores e alunos. E como fruto destas atividades, já tivemos vários alunos brasileiros estudando música em Karlsruhe.

IB: Você pode adiantar alguns resultados ou descobertas da sua pesquisa?

MU: Um dos compositores sobre o qual tenho pesquisado é Henrique Oswald (1852-1931), um dos precursores da música brasileira. A qualidade e envergadura de sua obra musical foi uma descoberta fascinante para mim, embora praticamente desconhecida tanto na Europa como no Brasil. Há referências disponíveis com informações biográficas bastante detalhadas deste compositor², mas ainda há muito a se pesquisar sobre a sua música. Chamou a minha atenção esta falta de divulgação e informação sobre sua música, o que considero absolutamente injusto, pois sua produção é da mais alta qualidade musical. Eu investiguei especificamente sobre as conexões ainda pouco exploradas de Oswald com culturas europeias, e fiz descobertas incríveis. Por exemplo, sabendo que Henrique Oswald viveu em Florença entre 1867 e 1905 e lá teve contato com a senhora Jessie Laussot Hillebrand, que era amiga de Wagner e de Liszt, provavelmente Henrique Oswald conheceu Liszt, pois o compositor húngaro ia com frequência a Florença nesta época³.

Na Biblioteca Nacional e no Arquivo Nacional no Rio encontrei numerosas fontes de informação sobre Oswald, como manuscritos originais de partituras suas, e cartas de

² Um dos principais materiais de referência em relação a informações biográficas sobre Henrique Oswald é MARTINS (1995). Informações importantes também estão disponíveis no site www.oswald.com.br.

³ Mais informações sobre este assunto podem ser encontradas em UHDE (2016).

personalidades importantes endereçadas a ele, como um cartão postal de Pablo Casals. Mas muito ainda está para ser revelada.

Fiquei entusiasmado com as obras de câmara de Oswald, e decidi gravar algumas delas. Junto com minhas filhas Katharina Uhde (violinista) e Tatjana Uhde (violoncelista) registramos o Trio em Ré maior de Henrique Oswald para piano e cordas, que surpreendentemente ainda não tinha um registro fonográfico⁴.

IB: Quais seus planos para a continuação deste trabalho?

MU: Como já mencionei, eu gostaria de publicar um catálogo de obras de câmara brasileiras com as informações que coletei nestes anos. Na verdade é uma listagem que sempre está se renovando, pois na música contemporânea estão sempre surgindo novas obras. Mas os compositores de hoje são mais conhecedores de como fazer com que suas obras sejam acessíveis aos intérpretes, e principalmente a produção do início do final do século XIX e do século XX é de difícil acesso. No Brasil ninguém sabe exatamente o que existe nesta área, e se tivéssemos uma listagem disponível, isto poderia ajudar muito. Por exemplo, saber quantos trios existem, quais são, onde encontrar, e o intérprete poder fazer assim uma escolha a partir das várias opções disponíveis.

A maioria do material não está publicado. Por alguma sorte nos deparamos com a partitura de alguma obra, o que é esporádico. Gostaria que meu trabalho pudesse ajudar ao Brasil, e aos meus amigos brasileiros, além de despertar o interesse de outros países por este repertório. Acredito que a música de câmara brasileira seja um dos grandes campos da música erudita a ser descoberto.

IB: Muito obrigada, sucesso na continuação do projeto!

Obras citadas:

MARTINS, José Eduardo. *Henrique Oswald: músico de uma saga romântica*. São Paulo: EDUSP, 1995.

⁴ No CD *Brasilianische Kammermusik* (2013) Michael Uhde (piano), Tatjana Uhde (violino) e Katharina Uhde (violoncelo) interpretam as seguintes obras: *Trio para violino, violoncelo e piano em ré maior*, op. 28 de Henrique Oswald; *Sonatina em fá susenido menor* de Henrique Oswald; *Tarantella* para violoncelo e acompanhamento de piano de Alberto Nepomuceno; *Canção Sertaneja* para violino, violoncelo e piano de Francisco Mignone; *Canção Sertaneja* para violino e piano de Camargo Guarnieri; e *Elegia* para violoncelo e piano de Luciano Gallet.

UHDE, Michael. Justi, Luis Carlos, trad. A história de uma dedicatória do compositor Henrique Oswald a Jessie Laussot Hillebrand: “à Senhora Karl Hillebrand”. *Debates / UNIRIO*, n.17, p.250-260, nov.2016.

Ingrid Barancoski é professora titular da UNRIO, atuando nas áreas de piano, música de câmara, história da música e pedagogia do piano. Como intérprete tem ocupado posição de destaque no cenário da música contemporânea no Brasil, atuando como solista e camerista. Foi responsável pela estreia mundial de mais de 35 obras, sendo a maioria dedicada a ela por renomados compositores brasileiros da atualidade como Almeida Prado, Ricardo Tacuchian e Roberto Victorio. Ingrid Barancoski é Doutora em Música pela Universidade do Arizona, e em 2016 concluiu estágio de pós-doutorado na Universidade de Southampton, Inglaterra. Participa regularmente de congressos no Brasil e no exterior, e tem artigos publicados em diversos periódicos como *Debates*, *Opus*, *Per Musi*, *Música em perspectiva*, *Claves* e *Brasiliiana*. www.ingridbarancoski.com